**CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES QUE SE (COM)FORMAM NAS INFÂNCIAS**

Maria Luisa Furlin Bampi FFP/UERJ

Ana Julia Ribeiro Barreto FFP/UERJ

Patrícia Alfradique Costa Tavares FFP/UERJ

De Clarice me seduz a afirmativa de que

“a aprendizagem da escrita está no mundo”.

Concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida”

(Conceição Evaristo, citado por Duarte e Nunes, 2020, p.34)

Iniciamos nosso texto refletindo sobre a escola como o lugar de *aprendizagemformação* da escrita e, também “da e na vida”. Assim, cruzamos as rememorações de experiências escolares vividas quando crianças/estudantes à luz da atualidade, como docentes em processo de formação, vamos nos constituindo professoras.

Concordamos com Josso (2007, p.414) ao afirmar que todo projeto de formação cruza, a temática da existencialidade e subsequente identidade, que a reflexão e a análise de histórias de vida dos aprendentes é um dispositivo de formação. Assim também nós ensaiamos um processo de formação a partir do dispositivo de narrar e refletir sobre nossas histórias de vida para pensar uma escola mais humana, mais inclusiva e menos heteronormativa.

Duarte e Lopes (2020) afirmam que Conceição Evaristo nos ajuda a pensar sobre a potência da escrita ao discutir suas escrevivências[[1]](#footnote-1), dando-nos pistas para escrever com o que apreendemos e aprendemos da vida. Desse modo traremos para a discussão questões, preocupações e inquietações sobre as memórias da escola tematizando e refletindo sobre o corpo, gêneros e sexualidades, numa perspectiva de educação (inicial e continuada) das infâncias que discuta os corpos infantis como sujeitos que se constituem na cultura, com valores que se constroem em suas famílias, mas, capazes de criar cultura (Louro,1995). Sujeitos históricos e de direitos, especialmente com direitos de brincar e interagir livremente nos cotidianos escolares.

Na educação infantil, as crianças já começam a vivenciar diferentes experiências e concepções acerca do gênero por meio das relações que estabelecem com os seus pares e com os adultos com quem interagem. São comportamentos, atitudes, saberes e gestos que ensinam aos meninos e meninas os valores que esta comunidade escolar admite e valoriza na construção de suas masculinidades e feminilidades, como referência (Louro, 1995, p. 173).

A perspectiva metodológica das narrativas de vida como instrumento de *pesquisaformação* fundamentam o nosso trabalho possibilitando cruzar as perspectivas pessoais com conhecimentos teórico-metodológicos que alimentam reflexões e a reconstrução de conhecimentos, como afirma Josso (2007, p.419):

[...] A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Os registros que se seguem são memórias de “acontecimentos da e na escola” de estudantes em processo de formação docente da graduação de dois cursos de Licenciatura, de uma universidade pública fluminense. Trazem vivências e histórias vividas nos espaços de desenvolvimento infantil, que tecem significados sobre o passado, presente e futuro de jovens. Refletem a respeito das perspectivas hegemônicas colonialistas que ainda hoje regem a sociedade que controlam corpos de crianças, ditando o que deve e não deve, que pode e não pode na escolarização infantil (Migon, 2024), para uma perspectiva outra de formação.

Um corpo brincante e as interdições

A relação com nossos corpos se torna cada vez mais desafiadora dentro do ambiente escolar. Somos objetificados e sofremos imposições de gênero desde a primeira infância.

Em 2004, cursei a então chamada alfabetização, minha professora costumava me chamar de Patrício. Ao trocar a letra final de meu nome pela vogal “o” pretendia me descrever como masculinizada, por me considerar bruta, bagunceira, não feminina. Na escola sempre tive minha sexualidade questionada por não atender ao padrão de feminilidade considerado suficiente, ou talvez aos padrões heteronormativos da sociedade em que vivemos. Conceito que, por mim, nunca foi compreendido. Sempre adorei maquiagem, sempre amei cuidar do cabelo, brinquei de boneca até ter por volta de 14 anos, idade esta, em que estudei em uma turma com quatro adolescentes grávidas. O que poderia ser mais feminino que todas as coisas ditas femininas que eu fazia? Ser adulta?

Em casa, esta nunca foi a maneira como meus pais guiavam nossa criação. Eu e meu irmão brincávamos juntos. Casinha, corda, carrinho. Construíamos fortalezas com madeiras que meu pai, por ser carpinteiro, acumulava pelo quintal. Sim, minha mãe foi e é a mulher que cuidou das tarefas de casa enquanto meu pai fazia as tarefas pesadas, obras, reformas. No entanto, era ela quem trabalhava na capital enquanto passamos a maior parte da nossa infância sob os cuidados do meu pai.

Mesmo após passar todos os anos do primeiro segmento sendo uma criança muito ativa, qualidade geralmente atribuída aos meninos, que podiam correr todo o recreio sem serem julgados, com o desenvolvimento dos meus seios, fui me tornando cada vez mais sedentária e envergonhada de realizar atividades que pudessem fazer com que eles pudessem chamar alguma atenção além do fato de já existirem. Nunca me propus a trocar de roupa no banheiro, lugar que não frequentava nem para fazer quaisquer necessidades fisiológicas que fossem necessárias. Não era uma possibilidade trocar de roupa na escola, tampouco era aparecer para meus colegas de short de malha, evidenciado o que quer que fosse ou mostrando minhas pernas descobertas. Camisa branca? Nem pensar! O meu sutiã marcaria e seria um absurdo descobrirem qual era o formato dele, ninguém podia imaginar que eu usava um. Medos os quais eu talvez não tivesse desenvolvido caso não tivesse observado diversos professores comentando ou demonstrando interesse em minhas colegas.

O dilema do corpo na escola

As expectativas sociais sobre padrões de gêneros e sexualidades presentes no ambiente escolar é ampliado para meninas e gera insegurança. A escola, de uma maneira geral, reforça os estereótipos de gênero, onde meninas precisam ser vaidosas, delicadas e passivas. Esse modelo de comportamento para as meninas implica em padronizações definidas na sociedade. Tais padrões geram insegurança e falta de liberdade sobre suas identidades e corpos.

Assim como a Patrícia, tenho relatos bem delicados referentes a essas questões de gênero no ambiente educacional. Durante o Ensino Fundamental, por volta dos 11 anos, pude sentir os indícios de uma insegurança que, a partir desse momento, cresceria constantemente. Me lembro de um dia que tivemos aula de Educação Física e as meninas da minha sala estavam marcando de levar biquíni para tomarem banho após a aula, e nesse momento, por alguns minutos, eu até considerei a possibilidade, porém, infelizmente a comparação entre os corpos ocorre entre as meninas, ainda mais quando não se tem o corpo considerado como padrão estético.

Outro fato mais sério e marcante e que me feriu profundamente aconteceu quando algumas meninas tiraram uma foto minha em uma situação constrangedora. Em algum momento quando estava sentada, uma parte da minha calcinha ficou evidente acima da minha calça que foi fotografada e postada em redes sociais, como forma de ridicularização. Tantos comentários maldosos de colegas de sala em relação ao meu corpo, não me fizeram bem, se tornando prejudiciais para minha saúde emocional e mental. A meu ver, essa insegurança e vulnerabilidades enfrentadas pelas meninas se tornam mais complexas quando são reforçadas por outras meninas.

Referente ao caso um, Foucault (1987), nos ajuda a refletir sobre os exercícios de poder sobre o corpo e como as “normas de gênero” são internalizadas e aplicadas desde a infância, particularmente no ambiente escolar, intimamente ligado ao conceito de "corpos dóceis". Rotulando, questionando a feminilidade, visando encaixar em estereótipos tradicionais de feminilidade. Isso incluiu críticas à aparência e ao comportamento e até a atribuir um nome masculino, um corpo vibrante feminino, considerado "bruta" e "bagunceira". Observa-se que o exercício de poder sobre o corpo da criança foi se ampliando à medida que passava da infância para a adolescência. Que padrões de gêneros e sexualidades cercam as concepções de como se vestir, se comportar e até mesmo brincar nos espaços escolares hoje?

Ao analisar estes ocorridos, no segundo caso, questiona-se se o mesmo se passaria a um menino, já que, embora os meninos também possam ser vítimas desse tipo de violência, as estatísticas e os relatos indicam que as meninas são as mais afetadas por práticas de intimidação corporal. Vale ressaltar que toda essa exposição não consensual é uma violação grave de privacidade e dos direitos humanos, além de ser uma forma de assédio e violência de gênero.

Os relatos de memórias escolares exemplificam marcas deixadas pela escola no corpo e na identidade das crianças. A escola exerce controle sobre os corpos das crianças, moldando-os para se adequarem às normas de comportamento referentes aos gêneros e sexualidades. Os corpos são disciplinados não apenas fisicamente, mas também psicologicamente, por meio de expectativas e pressões sociais que influenciam a maneira como nos relacionamos com nossos corpos, gêneros e sexualidades.

Esta pesquisa indica ainda a importância das narrativas nos espaços didático-pedagógicos de formação associadas a tabus e a preconceitos sobre o tema gêneros e sexualidades e que afeta as crianças, evidenciando a necessidade do encaminhamento pedagógico de práticas que considerem tais manifestações na dinâmica da formação do educador da infância, numa perspectiva de educação que potencialize os sentidos e as subjetividades, que não busca modelos sociais mas problematiza a sociedade, para que os corpos tenham espaço para diariamente se surpreenderem, alegrarem, expandirem nos cotidianos (Mignon e Carvalho, 2024).

Enfim, narramos para refletir sobre concepções de formação docente, não na busca de estruturas formais como valor universal, mas para a investigar nas histórias de vida e dos fatos, modos outros de entender processos de formação e também de transformação de si (Josso, 2007). Enfim, continuamos as reflexões, com uma provocação de Foucault (2004, p. 227), “Quem é capaz de ter a coragem da verdade?

Referências:

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagem e pesquisa em educação: currículo e cotidiano escolar". Campinas: **Educ. So*c****.* 25 (86), abr. 2004. DOI:<https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100003>, Disponível em: [https://www.scielo.br/j/es/a/tNr9GNVPHvhZfL3qL8CYFML/?format=pdf&lang=pt. Acesso](https://www.scielo.br/j/es/a/tNr9GNVPHvhZfL3qL8CYFML/?format=pdf&lang=pt.%20Acesso) em: 15 de abr.2024.

DUARTE, Constância Lima; LOPES. Isabella Rosado Nunes. **Escrevivência***:* a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.; 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão*.* Tradução de Taquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em:<https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>; Acesso em: 03 de abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de (orgs.). **Reestruturação curricular:** teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 172-182.

MIGON, Daniele Abreu; CARVALHO, Rosa Malena de Araújo. O intolerável sobre os corpos nos espaços de desenvolvimento infantil**.** **Periódico Horizontes** – USF, Itatiba, SP., 2024. DOI:<https://doi.org/10.24933/horizontes.v42i1.1730>.

1. Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (...) Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Duarte e Nunes, 2020, p. 11) [↑](#footnote-ref-1)